



O desejo da mãe

Marcus André Vieira

Posfácio livro "Mães": Vieira, M. A. & Barros, R. R. Mães. Subversos. Rio de Janeiro, 2015.

[Capa e índice](#)

Resumo

Muito do que Romildo formula neste momento conclusivo merece ser retomado para lhe dar a amplitude que merece. Foram escolhidos três pontos. O crocodilo e o pai, o desejo do analista e o relativismo ambiente, o desumano e o preconceito.

Primeiramente, quanto à expressão "desejo da mãe", destaco que ela tem dois sentidos ligeiramente distintos neste livro e Romildo utiliza os dois. No contexto habitual, edípico, ela traduz o Outro primordial, imponderável, sem lei, que entra e sai de cena segundo seu capricho, fazendo a criança passar do estado de satisfação à ausência absoluta de recursos para lidar com suas excitações e os estímulos do mundo. É este desejo que será metaforizado, regulado, pela função paterna. Só o fato, porém, de chamá-lo de desejo já é tomá-lo no plano de algum enquadre. O desejo é dirigido a alguma falta e, portanto, a algum plano de orientação. Talvez a expressão "gozo da mãe" fosse mais apropriada. Cairíamos, contudo, no paradoxo, mais um, de que a mãe só é mãe caso esteja submetida ao regime do desejo, exatamente o que o nome do pai vem garantir.

Em um sentido estrito não há gozo da mãe antes do Nome do pai porque sem nenhuma referência a Outro que não ela mesma, a mãe só pode se apresentar para sua criança, em termos de alteridade, como um Outro caprichoso.

Não há, então, função materna, porque qualquer função só existe a partir do regramento que a triangulação edípica, formalizada por Lacan como "metáfora paterna" promove e generaliza.

De certa forma, toda função é paterna. Há, claro, algo que a mãe representa e que não é uma função, mas uma presença, caprichosa, superegoica, devastadora, extática também, que resta não recoberta pela metáfora. A literatura psicanalítica fez florescer muitos termos para designar este plano da realidade clínica que neste livro foi chamada mais de uma vez de crocodilo: mãe arcaica, supereu materno ou pré-genital entre outros. Esta presença é aquilo da mãe que não coube no papel da mãe "do dia das mães", na tirada de Romildo.

Creio que nosso maior ganho foi poder delinear ao longo das figuras de mãe, no avesso da mãe "do dia das mães" que convocamos neste livro, os diferentes ângulos dessa figura composta e sempre polifônica que se encontra a cada vez que se busca o obscuro do desejo de uma mãe.

Em segundo lugar, interrogamos se haveria a possibilidade desta dimensão materna excessiva apresentar-se não mais como excesso do enquadre edípico, paterno, mas como um espaço em si mesmo. Dito de outro modo: certo, não há função materna, não há mãe "do dia das mães" sem referência ao registro paterno, mas haveria algum tipo de chão materno onde possa assentar-se um sujeito sem os limites relativamente estáveis que a exterioridade paterna confere ao solo?

Não sabemos bem se no plano da realidade clínica podemos topar com algum tipo de mãe ou cuidador materno sem nenhuma referência a um pai. Sabemos, porém, como seria uma tal realidade caso ela existisse e não fosse pura devastação. Seria uma alteridade para a qual não vigoraria nenhuma regulação pela crença. Afinal, a normatividade edípica supõe que a criança aceite o que diz seu pai, mas sobretudo assumo que este que lhe enuncia a lei é seu pai "porque sim", apenas porque sua mãe o disse. Submeter-se ao pai é submeter-se à crença no Pai, pura fé na tradição, vazio e ausência.

A regulação pela crença é a regulação pela ação de um vazio. Ora, há muitas formas de vida fora da ordem pela falta e pela, a esquizofrenia é uma delas e não à toa Freud a chamou de recusa da crença, *Un glauben*. Por isso mesmo Deleuze a escolheu para desenhar o mundo de uma utopia em que nada mais seria regido por vazio, falta e desejo, apenas fluidos e aparelhos.

Estaríamos nesse mundo? De certa forma sim, o valor da falta está em baixa há muito e nossos problemas maiores giram em torno de como lidar com o excesso. Destaco, neste contexto, como Romildo se lança contra o relativismo ambiente, uma das características marcantes de um espaço sem ordenação pela falta. Quando não há um valor maior que todos, justamente porque nunca verificado, apenas aceito, tudo se hierarquiza com relação a ele. Tudo o que estiver mais perto da lei e do pai vale mais, nada tem mais valor do que um fio de cabelo do homem justo. O relativismo ambiente se liga à generalização de verdades que dependem sempre do contexto sem referirem-se a algum valor transcendente.

Neste contexto, a análise não será a restauração da fé. O analista não é pai, nem mãe (do dia das mães). Mesmo que ele propõha um mergulho no sem pé nem cabeça do mundo, isso não significa que a análise não tenha um norte. Romildo propõe defini-lo como *desejo*. O analista é um desejo, a ser localizado entre o nome do pai e o desejo da mãe. Este desejo é o que valerá e nos tirará do “tudo se equivale”.

A função “analista” é a de um desejo aberto, que Lacan chamou, desejo do analista. É ele que pode sustentar para seu paciente o *playground* da transferência, como diz Freud, um espaço sem demanda específica para que o analisante se encontre com as tantas demandas e fixações libidinais que fizeram história em sua vida e as faça funcionar de outro modo. O mesmo vale, com as devidas diferenças, para a construção de alguma via de estabilização na psicose e mesmo em situações de devastação. Em um mundo em que não há portas que não possa ser abertas, faltam aberturas. Nele, o desejo do analista é aquele que faz diferença por ser apenas abertura.

Finalmente, quando Romildo lembra o absurdo de um mundo absolutamente sem preconceitos, precisamos lembrar que o desejo do analista, apesar de aberto, tem uma âncora. Este desejo só é presente e aberto porque o gozo do analista está “de fora”. Mas não está concentrado nesta ou aquela satisfação específica. O analista não é analista porque sabe manter todas suas satisfações fora da sessão. Tal analista estaria mais perto de um religioso ou asceta do que uma figura real. Sua posição depende do desejo de quem pode lidar com seu gozo e não afastá-lo. Nos termos de Lacan ele pode servir-se de seu gozo, servir-se de seu *sinthoma*, sem servir a ele. Na busca por sua verdade alguém encontra um desejo. Não é um desejo sempre ausente, como o desejo do pai, mas não é tampouco o desejo excessivo ou caprichoso da mãe. Em que se funda este desejo? Se ele não é nem paterno, um vazio, nem materno, uma demanda, é porque aquele que o sustenta é capaz de deixar de fora da cena analítica seu próprio gozo. Aquele que atende como analista pode sê-lo, às vezes, para seu analisante caso tenha conseguido na exploração de suas fixações, se separar delas o bastante para, jogando, com elas não ser obrigado a satisfazê-las.

Nesta sustentação de um desejo aberto e de um gozo que serve a este abertura sem servir-se dela reside a força de uma posição na cidade que recusa o rebaixamento de todo desejo a uma demanda específica, que recusa os cálculos dos economistas baseados apenas nisto, em necessidades tabeladas que

desconhecem a abertura do desejo ao impensado e imprevisto. *Desumano* é o termo que tomo de Romildo, desumano é tomar o desejo do homem unicamente como demanda, onde não há circo apenas pão, pois mesmo o circo tornou-se apenas produto de consumo e demanda. Que nosso percurso com as mães nos tenha ensinado a lição de que, quando a loucura das demandas impera, se nosso gozo não estiver por demais a elas fixado, nosso desejo pode vir a ser aquilo que subverte, sonha e ri.

MARCUS
ANDRÉ
VIEIRA

ROMILDO
DO RÊGO
BARROS

MÃES

subversos

APRESENTAÇÃO	07
<i>Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros</i>	
1. A MÃE DO ÉDIPO	17
A metáfora, do mito à estrutura - <i>Marcus André Vieira</i>	19
O desejo da mãe - <i>Romildo do Rêgo Barros</i>	27
2. A MÃE CROCODILO E O RESTO	39
Entre o desejo e o rolo de pedra - <i>Romildo do Rêgo Barros</i>	41
O incesto - <i>Marcus André Vieira</i>	45
3. A MÃE DA DEVASTAÇÃO	61
Arrebatamento e devastação - <i>Marcus André Vieira</i>	63
Sintoma <i>versus</i> devastação - <i>Romildo do Rêgo Barros</i>	73
4. A MÃE DA HERESIA	79
Joyce e o Nome-do-Pai - <i>Marcus André Vieira</i>	81
A morte da Mãe - <i>Ram Mandil</i>	90
Solução singular - <i>Romildo do Rêgo Barros</i>	97
5. A MÃE DE CRIAÇÃO	103
Entre a devoração e os cuidados - <i>Romildo do Rêgo Barros</i>	105
Três mães? - <i>Isabel do Rêgo Barros Duarte</i>	108
Cuidados Maternos - <i>Marcus André Vieira</i>	111
Mãe de criação - <i>Romildo do Rêgo Barros</i>	118
6. SERIA O ANALISTA UMA MÃE?	123
Sobre a função materna - <i>Romildo do Rêgo Barros</i>	125
Sobre o desejo do analista - <i>Marcus André Vieira</i>	137